



**8 de junho de 2026**  
**Santa Joana d'Arc**  
**“A retratação de Joana”**

**Joana** havia suportado as terríveis provações dos interrogatórios, os degradantes assédios dos guardas ingleses, as duras condições de reclusão e as diversas tentativas dos juízes de acusá-la de heresia. Nem mesmo a ameaça de tortura a havia dobrado. Com o apoio das santas que a acompanhavam, manteve-se inabalável e disse àqueles que a ameaçavam com a tortura: «Em verdade, ainda que me quebrásseis os membros e separásseis a alma do corpo, não poderia dizer-vos outra coisa. E se me obrigásseis a falar, sempre diria que me fizestes falar pela força».

À medida que a pressão aumentava, ao escutar as acusações que lhe eram imputadas e ao ser exigido dela, uma e outra vez, que se submetesse ao julgamento da Igreja, ela apelou a Deus como último Juiz e pediu para ser levada perante o Papa.

Joana testemunhou: «Pedi conselho às minhas vozes para saber se devo submeter-me à Igreja, pois os clérigos me pressionavam com veemência. Responderam-me que, se quero que Nosso Senhor me ajude, devo confiar-me a Ele em tudo».

Sem dúvida, cada vez ficava mais claro para ela que pretendiam condená-la à fogueira, pois agora inclusive diziam isso abertamente para que se retratasse. Também sobre esta questão havia consultado as suas vozes: «Perguntei às minhas vozes se me queimariam e elas me disseram: “Confia em Nosso Senhor, Ele te ajudará”».

Em 23 de maio de 1431, foi dirigida uma nova advertência a Joana. Os doze artigos de acusação que o cônego Pierre Maurice lhe leu no âmbito desta admoestação a qualificavam, em resumo, de apóstata, herética, obstinada, mentirosa, idólatra, invocadora de espíritos malignos, sedutora, difamadora da honra dos anjos e dos santos, supersticiosa, traidora, cruel, vaidosa, sediciosa, incitadora à tirania e blasfema contra Deus, seus mandamentos e revelações, entre outras acusações.

Quando o mesmo cônego lhe dirigiu um sermão de advertência e a exortou a voltar ao caminho da verdade, obedecendo à Igreja e submetendo-se ao seu julgamento e decisão, ela respondeu com firmeza:

«O que sempre disse e defendi durante o julgamento é o que continuarei defendendo agora. Mesmo que estivesse prestes a ser condenada e visse o fogo arder, os feixes de lenha acesos e o carrasco pronto para atizar as chamas, ainda que eu mesma estivesse na fogueira, não diria outra coisa; mas manteria até a morte o que disse no julgamento».

Joana parecia preparada para a morte, que já se aproximava. Evidentemente, mantinha um diálogo constante com as suas santas, de modo que fracassaram todas as tentativas de fazê-la retratar-se. Os juízes, chefiados pelo bispo Cauchon, apresentaram-se diante dela como representantes da Santa Madre Igreja, como se se preocupassem com a salvação de sua alma e desejassem evitar que fosse excluída do seio da Igreja.

Sem dúvida, esse momento foi uma grande provação para Joana. Embora soubesse que cumpria sua missão segundo a vontade de Deus e certamente percebesse certa desonestidade no processo, seus juízes eram, afinal de contas, representantes da Igreja. Ao contrário do que haviam experimentado os cristãos nos primeiros séculos, não eram governantes pagãos que a perseguiam por se recusar a oferecer sacrifícios aos deuses, como aconteceu com Santa Catarina, sua companheira celestial. Não, eram pastores da Igreja Católica que a acusavam de ter manchado a pureza da fé.

A situação chegou ao extremo.

Em 24 de maio, Joana foi conduzida à praça do cemitério da abadia de Saint-Ouen, em Rouen. Havia se reunido ali todo o tribunal com todos os seus presidentes e uma grande multidão. Após três novas advertências, o bispo Cauchon começou a ler a sentença. Quando já havia lido uma parte, ocorreu algo inesperado. Joana o interrompe e exclama: «Quero cumprir tudo o que digam e disponham os juízes da Igreja! Quero obedecer à sua ordem e à sua vontade. Já que os clérigos dizem que as minhas aparições e revelações não devem ser sustentadas nem acreditadas, não continuarei defendendo-as. Submeto-me por completo ao julgamento dos juízes e da nossa Santa Madre Igreja».

Ato contínuo, pronuncia a sua retratação seguindo uma formulação em francês que lhe entregam. Repete o texto e o assina de próprio punho.

Nesta retratação resumiam-se as acusações contra ela, que ela própria confirmou diante do tribunal e da multidão presente.

Depois de ela se ter retratado, o bispo Cauchon a absolve da excomunhão. No entanto, por ter pecado gravemente contra Deus e a Igreja, condena-a a fazer penitência e a passar o resto dos seus dias na prisão.

Joana é conduzida de volta à sua prisão e permanece sob a vigilância dos ingleses.

O que havia acontecido? Por que Joana se retratou depois de ter resistido durante tanto tempo? Esta pergunta tem sido objeto de reflexão por parte de muitos autores e deu lugar a todo tipo de especulações. Na meditação de amanhã, tentaremos respondê-la.